



Sind • *Maringá* RURAL

Edição # 18 • Fev. • Mar. • Abr. • 2022

www.sindrural.com.br

Nota Fiscal Eletrônica

O novo serviço do
Sindicato Rural de Maringá

06

comissão

Dia Internacional da Mulher:
As mulheres do Agro que nos
inspiram

20

piscicultura

História e as
peculiaridades da
piscicultura no Brasil

24

safrá

Reunião avalia as
perdas da safrá
2021/22



cocamar[®]



59

Anos

**COOPERAÇÃO E EXCELÊNCIA
FAZEM DE NÓS,
A MELHOR DO BRASIL.**

Editorial



José Antônio Borghi

Presidente do Sindicato Rural de Maringá

Acompanhem
as **mídias digitais**
do Sindicato Rural
de Maringá



 www.sindrural.com.br

 [sindicatorural.demaringa](https://www.facebook.com/sindicatorural.demaringa)

 [sindicatoruraldemaringa](https://www.instagram.com/sindicatoruraldemaringa)

 [sindruralmaringa](https://twitter.com/sindruralmaringa)

Olá, associados e produtores! É com muita satisfação que apresentamos a primeira edição de 2022 da nossa revista “Sind Rural Maringá”. Conto com vocês para prestigiarem matérias que fazem a diferença no dia a dia do produtor rural, no trabalho e no campo.

Nesta edição trazemos dados sobre as dificuldades enfrentadas pelos agricultores frente à estiagem que se iniciou no final de 2021 e seguiu causando perdas enormes até os primeiros meses de 2022.

Ainda, contamos com uma matéria especial voltada ao Dia Internacional da Mulher que destaca o crescimento da presença feminina no agronegócio, com falas exclusivas de três mulheres que vivem nesse meio e percorrem sua trajetória superando diversos desafios com garra e perseverança.

Temos também uma reportagem sobre piscicultura com uma expert na área, que abate em sua propriedade, semanalmente, cerca de três toneladas de peixe; no texto ela explica como chegou a esse patamar.

Abordamos, especialmente nesta edição, o novo lema do Comitê da Pecuária Moderna: “tratar o pasto como lavoura”, em uma matéria sobre a adubação da pastagem e os benefícios disso tanto para a lavoura como para a pecuária.

Assim, convido a todos e todas para conferir essas e outras matérias ao longo de nossa revista.

**Boa leitura e
um forte abraço.**

Sumário



10 • Capa

Nota Fiscal Eletrônica: o novo serviço do sindicato rural de maringá

18 • Sindrural Responde

Como a meteorologia impacta diretamente o agronegócio?

20 • Piscicultura

A piscicultura e seu impacto

22 • Investimentos

O espaço do agronegócio no mercado financeiro

24 • Safra

Reunião avalia as perdas da safra 2021/22

28 • Sind Negócio

Seguro rural em períodos de estiagem: alívio e esperança ao produtor rural

30 • Pecuária

“Tratar o pasto como lavoura”

Novo método divulgado pelo Comitê da Pecuária Moderna promove integração de técnicas da lavoura na criação de bovinos

*sempre
aqui*

06 • Comissão de Mulheres

10 • Senar

27 • Saúde

33 • Jurídico

34 • Conexão SindRural

38 • Curiosidades



Sind-Maringá
RURAL

☎ 44 3220-1550
✉ sac@sindrural.com.br
🌐 www.sindrural.com.br

• Anúncios
• Sugestão de pautas
• Críticas e dúvidas

Expediente

Revista SindRural

Publicação do **Sindicato Rural de Maringá**

Feu. Mar. Abr. | 2022

Jornalista responsável

Giovanni Bruno de Oliveira
Nicole de Alencar Broetto

Diagramação

Mobi Comunicação
mobi@mobionline.com.br

Coordenação geral

Valdecir Mokwa
Angélica Pelisson

Revisão final

Angélica Pelisson
Nicole de Alencar Broetto

Fotos

Sindicato Rural de Maringá

Diretoria do Sindicato Rural de Maringá Gestão 2019-2022

Presidente

José Antônio Borghi

1º Vice-Presidente

João Batista Versari

2º Vice-Presidente

Julio Cesar Meneguetti

3º Vice-Presidente

João Aparecido Bortolasci

Secretária

Hasue Komura Ito

2º Secretário

Ana Cristina Versari

Tesoureiro

Marco Bruschi Neto

2º Tesoureiro

Antônio Molonha

Suplentes de Diretoria

Élio Ramos, Antonio

Campagnoli, Walter Garcia de

Oliveira, Orlando dos Santos,

Fabio José Brambilla Chauenco,

Edilson Yasuhiko Komagome,

Carlos Amarildo Polotto, César

Augusto Schmitt

Conselho Fiscal

Luiz Carlos Dias, Ivoneti

Catharina Rigon Bastiani, Iualdo

Meneguette

Suplentes de Conselho Fiscal

Iualdo de Oliveira, Ricardo T.

Yamamoto, Cicero Mineo Migoto

Delegado Representante

José Antônio Borghi

Suplente de Delegado Representante

Ágide Meneguette

renta bili dade

Quando a
gente coopera,
o campo prospera.

Nascemos e crescemos no campo, por isso oferecemos as melhores soluções em investimentos para o desenvolvimento do seu agronegócio e da região onde atua.

Venha para a Sicredi União PR/SP, onde o agronegócio rende um mundo melhor.

Fale com o seu gerente e agende sua assessoria de investimentos.

sicrediuniao.coop.br



Dia internacional da Mulher

As mulheres do Agro que nos inspiram

É perceptível que nos últimos anos, houve um crescimento exponencial da atuação feminina nos setores da agricultura.

No dia 08 de março foi celebrado o Dia Internacional da Mulher, uma data marcante da luta feminina pelo reconhecimento da conquista das mulheres por seu espaço e por respeito, independente do ambiente em que ela esteja. No meio rural isso não é diferente, já que, por ser um cenário muitas vezes marcado pela forte presença masculina, é necessário que as mulheres do agro batalhem para ter reconhecimento e alcançar prestígio nesse setor. No entanto, cada vez mais, tem

havido o interesse das mulheres por essa área. Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), apenas em 2004 a 2015, a quantidade de trabalhadoras nos setores de insumos, agropecuária, agroindústria e agrosserviços passou de 24,1% para 28% do total de trabalhadores.

É perceptível que nos últimos anos, houve um crescimento exponencial da atuação feminina nos setores da agricultura, subsistência, bovinocultura, avicultura, piscicultura, além da parte tecnológica e logística, entre outras. Ao mesmo tempo em que a maior participação das mulheres representa um avanço, ainda existem algumas barreiras que atrasam o seu

sucesso. A Agroligadas (entidade formada por mulheres profissionais do agronegócio) ouviu 408 mulheres que atuam no agronegócio para a “Pesquisa sobre a participação feminina no agronegócio” que informou que, apesar de 93% das brasileiras terem muito orgulho de trabalhar no campo ou na indústria agrícola, ainda existem empecilhos no acesso igualitário aos financiamentos e capacitações. Para saber mais sobre a participação feminina no meio rural, entrevistamos três mulheres que fizeram parte da nossa série “Mulheres inspiradoras”, divulgada nas redes sociais do Sindicato durante o mês de março; a elas fizemos as mesmas perguntas a fim de entender melhor a visão de cada uma sobre esse assunto. Confira a seguir.

Rosana Contardi Brambilla

Maringá

De que forma você está envolvida no Agronegócio? Se trabalha com isso, conte um pouco do que realiza no universo do Agro e suas principais atribuições

Já fui mais ativa, me envolvendo diretamente com o sítio quando comecei nesse meio, normalmente por falta de mão de obra disponível. Mas hoje em dia eu realizo majoritariamente funções de assistência e logística. Meu marido e filho trabalham juntos no sítio, então quando está muito corrido para eles, eu realizo pagamentos, faço transporte de funcionários, ajudo também a buscar maquinário para outras propriedades, vou atrás de peças caso algo quebre. Eu fico com o carro de apoio e os ajudo sempre que for preciso, passando por funções de logística, assistência e manutenção.

Para você, qual a importância das mulheres estarem presentes no Agro?

Acho muito importante a mulher estar presente e saber o que está se passando, tendo os conhecimentos sobre as diferentes áreas do Agro, desde reconhecer quais são os tipos de semente, adubos, fertilizantes, fungicidas e herbicidas que são usados, quando ocorre a colheita e qual o rendimento. A mulher tem um papel fundamental nisso. Eu conheço histórias de pessoas em que algum ocorrido afetou a família e foi preciso abandonar as terras. Isso poderia ser evitado caso a mulher desse núcleo familiar tivesse uma maior participação no meio rural. É necessário o envolvimento das mulheres com o Agro até mesmo para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Você participa da Comissão de Mulheres do Sindicato Rural? De quais eventos ou encontros já participou?

Não participo da Comissão de Mulheres do Sindicato Rural, mas já fui coordenadora do núcleo feminino de outra instituição agroindustrial, fazendo inclusive parte do projeto-piloto do núcleo feminino de lá. A mulher se desenvolve muito fazendo parte dessas comissões, é algo que eu gostaria de voltar a me envolver, pois é muito legal.

Foi difícil para você começar a se envolver no Agro? Sofreu alguma resistência ou preconceito?

A minha família não era de agricultores e eu casei com um agricultor, então houve uma resistência na adaptação, sendo difícil para mim, já que logo de cara eu tive que mudar totalmente minha rotina, mas eu entrei de cabeça. Foi uma movimentação totalmente diferente da minha vida anterior. Houve burburinhos de que eu era menina da cidade e não iria dar conta, mas eu provei o contrário com determinação e força. Tudo acabou dando certo e hoje minha família trabalha junta, às vezes discordamos em alguns pontos, mas chegamos a um acordo no fim do dia. Meus filhos cresceram e entraram no meio também, o que sempre foi um sonho. Meu filho se tornou engenheiro agrônomo e logo avisou o pai que não queria ficar em escritório não, e sim pôr a mão na massa. Então houve uma resistência, mas nós soubemos lidar com ela.

Conte um pouco das suas principais realizações?

As realizações vão surgindo todo dia, sendo colhidas aos poucos, dos planos que nós plantamos. E isso é muito bom, pois a minha realização é contínua, todo dia eu consigo um pouqui-



nho, então a minha realização é diária.

O que você diria para a mulher de anos atrás quando começou a ingressar no Agro?

Essas são mulheres guerreiras que merecem ser aplaudidas de pé. Hoje existem mais facilidades, quando chego aos lugares, sou bem recebida e converso de igual para igual, entro em qualquer grupo masculino que esteja discutindo assuntos de roça, produção, entre outros. E antes não era assim, havia muitas restrições impostas sobre as mulheres, algumas não poderiam nem entrar em ambientes do Agro sem o marido. Então essas mulheres foram batalhadoras e as admiro demais, elas foram uma luz para nós que estamos no campo atualmente, pavimentando o caminho com sua capacidade e competência. Muitas assumiram terras sozinhas e deram conta e isso é um espelho para nós.

Quais os seus maiores sonhos para o futuro?

Eu não sou uma pessoa muito ambiciosa, meus sonhos são um tanto palpáveis. Eu tenho o pé no chão e muito do que eu almejava, eu já conquistei, formando uma família maravilhosa, com filhos parceiros, além de netas para mimar. Então o que vier agora é lucro, pois eu já consegui o que queria. Agora é só agradecer e usufruir.



Karina Rodrigues Honorato

Mandaguari

De que forma você está envolvida no Agronegócio? Se trabalha com isso, conte um pouco do que realiza no universo do Agro e suas principais atribuições.

Nossa família tem gado de cria e cria. No momento, estou tentando abrir uma empresa para fazer produtos artesanais na propriedade, todavia a burocracia e falta de interesse de órgãos públicos nos desanimam.

Para você, qual a importância das mulheres estarem presentes no Agro?

Sou do Rio de Janeiro e desde que cheguei ao Paraná sempre percebi a

mulher paranaense como protagonista na área rural. Sempre com atividades rentáveis e contribuindo para o sustento da família, seja com atividade distinta do marido, seja em parceria com ele, mas sempre uma mulher ativa. Essa é a minha percepção dos que estão ao meu redor. Apesar de haver certa separação, a maioria relacionada à atividade de gado é composta de homens, enquanto que as atividades relacionadas à produção de doces, queijos e linguiças, na sua maioria, são de competência das mulheres.

Você participa da Comissão de Mu-

lheres do Sindicato Rural? De quais eventos ou encontros já participou?

Eu entrei este ano para a Comissão e antes disso já participei de muito dos cursos oferecidos que me ajudam bastante no desenvolvimento de produtos artesanais.

Foi difícil para você começar a se envolver no Agro? Sofreu alguma resistência ou preconceito?

Não senti dificuldades por ser uma mulher. Sinto por não ter informações e ajuda técnica sobre licenças e selos que agregariam valor ao meu produto, mas falta muita informação e auxílio sobre isso, ou não há interesse na prefeitura em colaborar.

Conte um pouco das suas principais realizações?

Sou engenheira química e já trabalhei em multinacionais, em um ritmo alucinante. Hoje, cada nascimento de animal, pôr do sol na varanda de casa e produto novo que desenvolvo me deixam realizada.

O que você diria para a mulher de anos atrás quando começou a ingressar no Agro?

Para não desistir. Lutar pelo seu espaço. O lugar da mulher não precisa ser cuidando de serviços domésticos, ser mulher é ser autora do seu próprio roteiro.

Quais os seus maiores sonhos para o futuro?

Ter minha empresa agroindustrial e continuar a viver na área rural. Não tem qualidade de vida melhor.

Daniela Fernanda Paschoeto

Maringá

De que forma você está envolvida no Agronegócio? Se trabalha com isso, conte um pouco do que realiza no universo do Agro e suas principais atribuições.

Meu pai, José Paschoeto, possui uma propriedade e eu o ajudo principalmente na parte burocrática e auxílio nas demais funções, caso seja preciso.

Para você, qual a importância das mulheres estarem presentes no Agro?

Antigamente, as mulheres não eram aceitas em muitas profissões, porém cada dia isso vem mudando mais. Hoje no meio do agronegócio há uma maior integração feminina, de forma que elas se sentem à vontade para trabalhar igualmente aos homens. A implantação de máquinas modernas ajudou muito nesse âmbito, de modo que não existe mais a necessidade do uso de força braçal; brinco que até mesmo meu filho de 13 anos poderia dirigir uma máquina sem problemas. Além disso, hoje em dia há uma prevalência maior do raciocínio sobre a força física.

Você participa da Comissão de Mulheres do Sindicato Rural? De quais eventos ou encontros já participou?

Participo da Comissão de Mulheres, porém ainda não presencialmente. Espero que este ano consigamos evoluir para o presencial.



Foi difícil para você começar a se envolver no Agro? Sofreu alguma resistência ou preconceito?

Como já houve grandes avanços em relação a isso, acredito que hoje as mulheres não enfrentam tanta dificuldade para se envolver no Agro, pelo menos não encontro problemas. Inclusive acabo gerenciando a empresa de vinhos juntamente com minha irmã, Micheli Paschoeto, e não encontro dificuldade por ser mulher.

Conte um pouco das suas principais realizações?

A minha maior realização é saber que tenho uma profissão pela qual sou valorizada e realizo fun-

ções que me agradam diariamente.

O que você diria para a mulher de anos atrás quando começou a ingressar no Agro?

Atualmente a desigualdade entre as mulheres do Agro já não é tão predominante quanto antes, havendo cada vez mais a inclusão feminina devido à força e luta das mulheres para conquistar o seu lugar nesse meio.

Quais os seus maiores sonhos para o futuro?

Desejo para o futuro continuar crescendo profissionalmente para conseguir fazer ainda mais investimentos e colher os frutos disso.

Nota Fiscal Eletrônica:

O novo serviço do Sindicato Rural de Maringá



são era por meio da Nota Fiscal Auulsa Eletrônica (NFA-e), que é feita manualmente utilizando o CNPJ. Assim, com a instituição da NFP-e essa dinâmica mudou completamente. A praticidade e a eficiência representam apenas o início de uma lista de benefícios que esta nota pode trazer.

E a emissão da nota eletrônica é obrigatória?

Desde o dia 1º de janeiro de 2021 começou a valer a determinação para que os produtores rurais, com faturamento anual superior a R\$200 mil, passem a emitir a Nota Fiscal de Produtor Eletrônica (NFP-e) em todas as operações interestaduais e de comércio exterior. Ou seja, o produtor paranaense que vende em outro estado e fatura mais de R\$200 mil deve emitir NFP-e.

Já para o produtor rural com faturamento abaixo de R\$200 mil por ano, o governo adiou a obrigatoriedade para emissão de nota fiscal para o início de 2023. No entanto, nós indicamos que todos comecem a emitir a nota digital desde já para se familiarizarem com o processo, usufruírem dos benefícios e serem capacitados previamente.

Quais os principais benefícios para o contribuinte que utiliza a Nota Fiscal de Produtor Eletrônica?

Em primeiro lugar, a redução de custos. Devido à informatização do sistema, a NFP-e será autorizada eletronicamente e somente uma via da DANFE será impressa para acompa-

Ninguém discorda que o Sindicato Rural de Maringá busca sempre trazer inovação e prestar serviços de qualidade ao produtor rural. Desta vez, a novidade é a emissão da nota fiscal de produtor eletrônica (NFP-e) por meio de uma ferramenta que elimina o estresse, a perda de tempo e dinheiro.

Conversamos com Alan Ezequiel dos Santos, colaborador do Departamento Técnico do Sindicato, para entender a importância desse serviço e como o produtor pode ser beneficiado com ele.

Para começar, o que é a Nota Fiscal de Produtor Eletrônica?

A Nota Fiscal do Produtor Eletrônica (NFP-e) é um novo documento digital, autorizado pela Secretaria Estadual da Fazenda (SEFAZ), que foi criada para substituir a nota fiscal impressa. Com o seu uso, a necessidade de fiscalizar blocos de notas fiscais nas empresas é eliminada, pois todas as notas emitidas encontram-se disponíveis no servidor da SEFAZ.

Antigamente, a única forma de emis-



nhar o transporte. Outro benefício é que a nota poderá ser utilizada para toda e qualquer saída do produtor, incluindo a venda de máquinas usadas, equipamentos usados, insumos agropecuários entre produtores.

Com o documento, também será possível eliminar erros de digitação, pois diversos dados serão importados, sugeridos e validados antes da autorização da NFP-e. Existe também, com o digital, o aumento da confiabilidade, pois o sistema é baseado no projeto já em uso da Nota Fiscal Avulsa Eletrônica (NFA-e). Além disso, contém Chave de Acesso e Código de Barras para consultas nos respectivos Portais Estaduais.

Com a emissão da nota fiscal o contribuinte ajuda, também, no combate à cultura da sonegação e promove as receitas do município. Como afirmou o secretário da Fazenda, Renê

Garcia Júnior, “com essa medida, proporcionamos aos produtores rurais um maior vínculo de cidadania fiscal junto aos demais produtores”.

Por fim, e não menos importante, a nota eletrônica beneficia o produtor com agilidade. Não é mais preciso que o contribuinte se dirija até a prefeitura ou acesse a plataforma do SEFAZ para emitir nota fiscal.

Como o Sindicato Rural de Maringá auxiliará o produtor nesse processo?

Além de esclarecer todas as dúvidas dos produtores e auxiliar em todas as diretrizes burocráticas, estamos disponibilizando uma ferramenta digital para emissão da nota e seremos responsáveis em ajudar o produtor no passo a passo do processo.

Dessa forma, auxiliaremos o contribuinte a efetuar o credenciamento junto

à SEFAZ, adquirir um Certificado Digital, pois é por meio dele que será feita a assinatura digital do documento e que irá conferir-lhe validade e autenticidade. Além disso, forneceremos suporte técnico, a fim de garantir a segurança dos dados e a rapidez na emissão.

Para encerrar, como o produtor pode ter acesso a esse serviço oferecido pelo Sindicato?

O produtor pode nos contatar por meio das nossas redes sociais ou pelo nosso telefone fixo (44) 3220-1550 para tirar suas dúvidas e contratar o serviço. Mas convidamos todos os interessados a nos fazer uma visita no Sindicato, para tomar um café, entender a singularidade do negócio do produtor rural e a melhor forma que podemos contribuir com ele. Vale lembrar que a emissão da NFP-e é uma ferramenta imprescindível para automatizar processos, e nosso serviço é uma oportunidade de reduzir dinheiro, estresse e burocracia.



AGRICULTURE

Dia Mundial da Agricultura

Uma data para a valorização do agro

Em 17 de outubro comemora-se o Dia Nacional da Agricultura. No entanto, existe outra data para a valorização do agro e ela acontece em proporção mundial — é o Dia Mundial da Agricultura, comemorado sempre no dia 20 de março.

Segundo a definição do Dicionário Oxford Languages, a agricultura é atividade que tem por objetivo a cultura do solo para produzir vegetais úteis ao homem e/ou para a criação de animais. Ou seja, todo ser humano necessita do universo agro, de forma direta ou não. Por isso, é tão importante valorizar essa prática que traz sustento à humanidade, além de recursos econômicos para uma nação inteira.

E por falar em economia, quando se pensa na importância da agricultura para o Paraná deve-se lembrar que o agronegócio é responsável por 33,9% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Isso significa que em 2017, por exemplo, esse valor chegou a R\$ 142,2 bilhões, de acordo com estudos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, órgão vinculado à Secretaria de Estado do Planejamento e Projetos Estruturantes.

No Brasil, de acordo com o cálculo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-Esalq/USP), nesse mesmo ano, o agronegócio teve participação de 21,4% no total de todos os bens e serviços produzidos, o

que realça a força do agro paranaense.

Entre os principais produtos agrícolas paranaenses - também carro-chefe da região de Maringá está a soja; sua produção contribui para que o Brasil seja o maior produtor e exportador do grão do mundo, alavancando empregos e riquezas por meio da agregação de valor em cadeias produtivas de proteína animal, biocombustíveis e também como um valioso commodity.

História da agricultura

A história da agricultura revela que essa prática existe há mais de 12 mil anos, tendo sido desenvolvida durante o Período Neolítico, ela foi responsável por constituir as primeiras

CULTURA



civilizações, uma vez que todos os agrupamentos humanos já encontrados praticavam algum tipo de manejo e cultivo dos solos. Com o passar do tempo, as primeiras técnicas de cultivo foram desenvolvidas e, com isso, nascia a Agricultura.

Quando a industrialização e a modernidade chegaram, as práticas agrícolas mecanizaram-se e passaram a depender das indústrias para o desenvolvimento do meio técnico. Com o passar das três revoluções industriais, a prática fundamentou-se em procedimentos avançados, assessorados por recursos técnicos, científico e informacionais.

Diante desse cenário, surgiram técnicas avançadas em manejo dos solos, máquinas e colheitadeiras que realizam o trabalho de dezenas ou até centenas de trabalhadores em uma velocidade maior, além de avanços propiciados pelo desenvolvimento da biotecnologia.

E no Brasil?

De acordo com dados históricos, a Agricultura teve início com o cultivo da cana nas "Capitanias Hereditárias" na região Nordeste, no século XVI. Nesse período, a atividade era baseada na monocultura, mão de obra escrava e grandes latifúndios.

A partir do século XVIII, porém, com a mineração e o início das plantações de café, o cultivo de outros vegetais começou a ganhar destaque, iniciando uma nova fase econômica no país.

Entretanto, o cultivo do café, que durante todo o século XIX gerou fortunas e influenciou de forma significativa a política do país, começou a declinar por volta de 1902 quando a crise atingiu seu ponto culminante.

A partir de então, houve uma maior valorização de outros tipos de culturas. Atualmente, segundo dados da Embrapa,

Atualmente, segundo dados da Embrapa, **o Brasil ocupa 75,4 milhões de hectares de área plantada**, sendo que o cultivo de grãos representa **62,9 milhões de hectares**.

pa, o Brasil ocupa 75,4 milhões de hectares de área plantada, sendo que o cultivo de grãos representa 62,9 milhões de hectares. Diante de tudo isso, é impossível não enxergar a importância da Agricultura para o nosso país. Por isso é indispensável valorizar e comemorar o Dia Mundial da Agricultura!

Senar e Sindicato uma parceria de sucesso



Manejo Integrado de Pragas: Milho

Promovidas pelo Sindicato Rural de Maringá, nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro aconteceram as aulas do curso sobre o controle de pragas presentes no plantio de milho; elas foram ministradas por João Pedro Carlos Prieto que mostrou, na prática, aspectos para identificar uma planta saudável em comparação a uma afetada por pragas.

Tratorista

Iniciado no dia 07 e finalizado em 11 de março, o curso sobre operação de tratores agrícolas, em parceria com a Planti Center, gerou aprendizados aos alunos instruídos por Cláudio José Zunta. Assistindo às aulas práticas realizadas em um veículo, os participantes entenderam o funcionamento da máquina e se aprofundaram nos aspectos legais e de segurança.



Piscicultura

O curso de sistema de cultivo da piscicultura decorreu no espaço cedido pelo Salão da Paróquia Santo Cura d'Ars de Paiçandu. A ministrante do curso, Janete Armstrong, levou os participantes até tanques e explicou como funciona o sistema de cativeiro dos peixes.

Podas e desbrotas de café

No dia 17 de março, em parceria com a Uningá, os participantes puderam aprender melhor sobre como realizar adequadamente as podas e desbrotas no cafeeiro, entendendo como identificar a fisiologia da planta e executar os processos com o auxílio da instrutora Juçana Ângela Farina.



Motosserra

Entre 14 e 18 de março, foi ministrado por Laércio Kubiank o curso que mostrou a forma correta de manusear a motosserra no corte polivalente de árvores. Nas aulas, os seis participantes compreenderam melhor o funcionamento do equipamento e a maneira que ele deve ser utilizado e mantido.



Pescado

O instrutor Sérgio Kazuo administrou, nos dias 22 e 23 de março, as aulas do curso de produção artesanal de alimentos com derivados de pescado no espaço cedido pela Sociedade Rural de Maringá. Os participantes não só aprenderam como manipular os peixes e executar os cortes corretamente, como também se deliciaram ao aprender receitas incríveis.





Operação de Drones

O Sindicato Rural de Maringá sediou o curso de operação de drones entre 28 e 30 de março realizado com o instrutor Xisto Roque. As aulas permitiram que os participantes aprendessem sobre a regulamentação do drone e o sistema operacional do aparelho.





BRAZIL ARMOUR

Faça seu **processo de concessão do CR** com a Brazil Armour, loja especializada em **armas de fogo e munição**.

Controle os javalis e outras espécies invasoras com toda a regularização e segurança necessária.



 (44) 3354-1692
 (44) 99919-8593

Avenida Prudente de Moraes, 936B - Maringá PR



Garantia de quem **semeia**
o futuro com **qualidade.**



A Campos Verdes conta com uma Unidade de **Tratamento de Sementes** em Maringá, onde proporcionamos um tratamento completo para o produtor que engloba, Fungicida, Inseticida, Enraizadores e Biológicos para a aderência dos respectivos produtos.

Proporcionando mais segurança e comodidade para o produtor rural, que pode obter sementes com tratamento mais uniforme e sem ricos de intoxicação.



camposverdes.com.br



Como a meteorologia impacta diretamente *o agronegócio?*

Fonte Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) e Canal Agro.

Março é um mês marcado por comemorações no universo agro. Além do Dia Mundial da Agricultura, o mês também traz consigo o Dia Mundial da Meteorologia, celebrado em 23 de março.

Para entender a importância dessa data, vamos refletir sobre como a Meteorologia impacta diretamente o agronegócio, já que essa atividade depende consideravelmente de processos climáticos.

Por Meteorologia, de acordo com o Oxford Dictionary, entende-se a ciência que estuda os fenômenos atmosféricos, cuja análise permite a previsão do tempo. Mas qual o impacto disso para o agro?

Em primeiro lugar, conhecer os processos do clima, de forma precoce, evita prejuízos no campo. É possível evitar o desperdício de produtos no campo, como os defensivos agrícolas, conhecendo previamente a

direção do vento, por exemplo. Além disso, diversos outros fatores reduzem os danos à plantação com a ajuda meteorológica. Inclusive a perda total de uma lavoura pode ser evitada com o conhecimento de tal ciência.

Segundo o Canal Agro, “O clima influencia no crescimento das culturas, no rendimento total das plantações, na ocorrência de pragas, na necessidade de água e de fertilizantes, além de todas as demais atividades agrícola-

las. Desde o plantio até a colheita, o agricultor precisa estar atento às estações do ano, a fenômenos climáticos, em especial El Niño e La Niña, e a eventos bruscos como longas estiagens, excesso de chuvas e geadas, entre outros.”

Os agricultores podem tomar decisões assertivas com os alertas meteorológicos

Os alertas meteorológicos ajudam os agricultores a tomar decisões precisas, planejar ações e otimizar o cultivo.

É possível saber a chegada de frentes frias, geadas, ventos fortes, tempestades com granizo, entre outros eventos, o que permite adotar medidas preventivas.

No que se refere ao manejo do solo, por exemplo, acompanhar os boletins meteorológicos auxilia a tomar decisões que aproveitem o clima e saber quais são os melhores investimentos que devem ser aplicados na lavoura.

Saber plantar no momento certo eleva a produtividade

A implantação de qualquer cultura requer um estudo prévio de zoneamento climático. Com isso, fica mais fácil conhecer as condições da região para determinar qual cultura se adapta melhor a ela e tem maior potencial produtivo.

“Além das condições gerais, as plantas também apresentam necessidades específicas em diferentes etapas de seu ciclo. A soja, por exemplo, precisa de chuvas para a fase de enchimento dos

grãos, mas na fase da colheita o ideal é que o clima esteja mais seco – já que o ponto de colheita é determinado pela umidade dos grãos, a qual deve estar entre 13% e 15%.”

Questões como intensidade luminosa, umidade do ar e do solo, temperatura, índice pluviométrico e intensidade dos ventos são fundamentais para a escolha do que plantar, afinal são esses fatores que determinam o sucesso da colheita.

Mas de que forma é possível conhecer todos esses fenômenos climáticos?

Instituto Nacional de Meteorologia

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) é a principal instituição responsável pelas previsões climáticas no Brasil. Criado em 1909, o Inmet coleta dados de precipitação, ventos, umidade relativa do ar e pressão a partir de 400 estações em terra, além de imagens de satélites, para construir, com o auxílio de supercomputadores, modelos numéricos capazes de prever o comportamento do tempo com antecedência de até 96 horas.

Por meio dele, o agricultor pode receber alertas de eventos adversos, como granizo, e boletins agroclimatológicos mensais, que contêm um panorama dos fenômenos de grande escala que interferem nos climas brasileiro e mundial, além de informações climáticas prognósticas para auxiliar no planejamento e nas ações do setor agrícola.

As estações podem ser personalizadas a partir da necessidade da plantação e da coleta de dados como precipitação, temperatura e umidade do ar e do solo, velocidade e direção do vento, radiação solar global, entre outras tantas variáveis.

Estações Meteorológicas

As estações meteorológicas são ferramentas que permitem monitorar o microclima com mais precisão, permitindo direcionamentos mais assertivos nas plantações.

As estações podem ser personalizadas a partir da necessidade da plantação e da coleta de dados como precipitação, temperatura e umidade do ar e do solo, velocidade e direção do vento, radiação solar global, entre outras tantas variáveis. Ao analisar o histórico de informações locais, essa ferramenta é capaz de prever o risco de doenças e melhorar o manejo de balanço hídrico.

Alertas da Defesa Civil

O agricultor também pode receber mensagens de alerta enviadas pela Defesa Civil, que chegam diretamente no celular e possibilitam saber quais eventos climáticos podem acontecer nos próximos dias. Isso contribui bastante com o conhecimento climático macrorregional e possibilita o planejamento de ações.

A piscicultura e seu impacto

Fonte Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)

De origem chinesa, a piscicultura é uma das modalidades do agronegócio que tem ganhado cada vez mais destaque no cenário nacional. A prática foi introduzida no Brasil pelos holandeses, no século XVIII, que iniciaram a implantação de viveiros de peixes em regiões nordestinas. Devido à extensão do território litorâneo do Brasil, que permite o aumento da produção local de peixes, apenas entre 2014 e 2020 houve um aumento de 38,7% de adeptos da piscicultura, segundo levantamento da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR). Dessa produção, 99% são destinados ao consumo do mercado interno, enquanto apenas 1% é exportado, fazendo do Brasil não só um dos maiores produtores, mas também um dos países mais consumidores de peixe mundialmente.

A piscicultura e suas histórias

Marilaine Del Pintor Sanches e sua família percebem de perto o impacto que



Foto Wenderson Araujo/Trilux / Sistema CNA/Senar

a piscicultura teve em sua vida. Dona da Piscicultura Piracema, ela iniciou sua carreira profissional na área farmacêutica e, após 33 anos no ramo, mudou o rumo de sua vida ao auxiliar seu marido na empresa de piscicultura. Inicialmente, ela cuidava da organização e da parte financeira, mas ao se envolver mais com o negócio, passou não só a administrar as funções com maestria, como também realizar mudanças a fim de sanar os prejuízos acarretados com a perda de cargas. Frente a isso, sua família optou por começar a abater no próprio terreno parte dos peixes, e o que começou com 100 kg semanal, hoje já chega a três toneladas por semana de peixes abatidos.

As peculiaridades da piscicultura

Assim como qualquer outra área, para ter sucesso nesse ramo, é preciso entender o know-how do meio, desde o conhecimento sobre as espécies de peixes, até sobre as particularidades de sua criação. Segundo Marilaine, é essencial priorizar a qualidade da produção, desde o alevino até o estágio final, pois cada espécie tem uma função no tanque. Muitas espécies podem ser criadas como tilápia, carpa-capim, piapara, pacu, carpa-cabeçuda, carpa-húngara, pintado, catfish, bagre africano, lambari, pirarucu, entre outros. Porém, é preciso atentar-se ao fato de que algumas dessas espécies comem por cima, outras são filtradoras, algu-



mas comem desova, de modo que é possível criar peixes nobres a partir do descarte, sem usar a ração, que possui um preço alto e é um dos maiores empecilhos da piscicultura mundo afora. Para manter tanques equilibrados e peixes de qualidade, é essencial haver harmonia entre esses diferentes fatores.

O efeito da piscicultura para a população

Uma alimentação saudável faz toda a diferença na qualidade de vida das pessoas, e a produção correta de peixes pode ter um papel importante nesse âmbito. Marilaine afirma que o fomento estadual voltado à piscicultura permitiu a chegada do peixe fresco a um preço acessível na mesa dos paranaenses. E se alimentar de uma proteína saudável tem um impacto positivo na qualidade de vida das pessoas. A tilápia, por exemplo, é o carro chefe do Brasil e o fácil acesso a esse alimento permite muitas possibilidades culinárias. Na prática, ao se incentivar o consumo, estimula-se também a produção.

Lidando com a piscicultura na prática

Não limitando seus conhecimentos farmacêuticos ao cenário clínico, Marilaine Del Pintor Sanches se permitiu misturar os dois mundos. Ela conta que utilizou de premissas da Farmácia para entender melhor sobre as características de cada alevino, como também relembra do atendimento ao cliente usado em sua farmácia na hora de lidar com o produtor rural. É necessário entender a linguagem usada na piscicultura e o uso correto dos termos para melhor atender as pessoas. Ela afirma: “Aprendi muito com meu esposo, vi as dificuldades, ajudei a resolver vários problemas que tínhamos em nossas estruturas e me “apeixonei” por esse meio”. Para quem se interessa pela piscicultura, ela indica que é preciso estar sempre um passo à frente de entender as necessidades do ramo e agilizar os processos, mostrando aos produtores como tratar os alevinos para o sucesso também da produção de seus clientes e enfatiza “Aprendi com a piscicultura que todo mundo é capaz de aprender”.



O espaço do agronegócio no mercado financeiro

Investidor encontra opções tanto em renda fixa como em renda variável

O PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio brasileiro cresceu 8,36% em 2021 de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea-USP). Isso significa uma participação de 27,4% no PIB total, a

maior taxa registrada desde 2004. Esse resultado é interessante não só para o produtor rural, mas também para quem investe no campo.

Os dados mostram que o agro está cada vez mais presente no mercado fi-

nanceiro. São várias as operações voltadas para a alocação de produtos do agronegócio, tanto em renda fixa como em renda variável.

Renda Fixa

Entre as opções de renda fixa estão as LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio) e os CRAs (Certificados de Recebíveis do Agronegócio).

As LCAs são voltadas para quem tem um perfil mais conservador. Elas são isentas da cobrança do Imposto de Renda para pessoa física e cobertas pelo FGC (Fundo Garantidor de Crédito), que garante o pagamento ao credor caso a instituição financeira não honre os pagamentos (limitado ao teto de R\$ 250 mil por CPF/CNPJ

em cada conglomerado financeiro, com um limite de R\$ 1 milhão renovado a cada quatro anos). O capital investido nesses títulos é usado para empréstimos a produtores rurais e cooperativas.

O valor mínimo para se investir em um LCA varia, mas geralmente é de R\$ 1.000. Há a opção de títulos prefixados, quando a taxa é definida no momento da aplicação, e pós-fixados que são atrelados aos índices econômicos como o CDI (Certificado de Depósito Interbancário) e o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor).

Os CRAs são outro tipo de investimento em renda fixa. Empresas que operam no setor agropecuário podem adiantar o recebimento de mercadorias ou levantar recursos para compra de maquinário, por exemplo. Para financiar o projeto, contrata-se uma empresa securitizadora para adiantar o valor – como um empréstimo.

A securitizadora transformará essa dívida em papéis, e depois irá ofertá-los no mercado para serem comprados pelos investidores, que esperam retornos financeiros em troca. Diferente das LCAs, os CRAs são considerados para perfis mais moderados. Eles possuem o rendimento composto por uma taxa prefixada ou pós-fixada,

atrelados aos índices econômicos, como o CDI (Certificado de Depósito Interbancário) e o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor). O pagamento dos juros ocorre de maneira mensal, trimestral, semestral ou anual, dependendo da emissão. São isentos do Imposto de Renda para pessoa física, mas não contam com a proteção do FGC. O valor mínimo investido também costuma ser de R\$ 1.000.

Renda Variável

Em agosto do ano passado, a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) liberou os Fiagros (Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais). De acordo com a definição da B3, os Fiagros são uma junção dos recursos de vários investidores para a aplicação em ativos de investimentos do agronegócio, sejam eles de natureza imobiliária, rural ou de atividades relacionadas à produção do setor.

Eles funcionam como os FIIs (Fundos de Investimento Imobiliários), mas focados para peculiaridades do agronegócio. São isentos de Imposto de Renda sobre os rendimentos para pessoa física e a cobrança de 20% sobre o ganho de capital para pessoas físicas e jurídicas, porém o investidor precisa ficar atento às taxas de administração, já que os Fiagros são geri-

dos por bancos e distribuidoras de títulos e valores mobiliários.

Assessoria de investimentos

A maneira mais segura de investir é com o auxílio de um assessor de investimentos. Ele é o profissional capacitado para otimizar os lucros e mitigar os riscos.

O assessor de investimentos é quem vai definir, junto ao cliente, qual é a estratégia mais eficiente para aquele momento. Ele tem o conhecimento necessário sobre as opções dos produtos do mercado financeiro, taxas de corretagem e está sempre atento às mudanças no cenário econômico, sabendo assim que direção seguir.

A maneira mais segura de investir é com o auxílio de um assessor de investimentos. **Ele é o profissional capacitado para otimizar os lucros e mitigar os riscos.**



Ronaldo Ghiraldelo

Assessor de Investimentos da SVN

44 99972-8172

Reunião avalia as perdas *da safra* *2021/22*

O ano de 2022 começou com perdas significativas e consequentes prejuízos financeiros para muitos agricultores do Sul do Brasil por conta da estiagem que marcou o final do ano passado e os primeiros meses deste ano. A região de Maringá, noroeste do estado, também sofreu com a seca que afetou diversas lavouras.

De acordo com o Departamento de Economia Rural (DERAL), até o momento, os prejuízos estão na ordem de 45% na soja e 32% no milho. Isso representa uma perda de 9,5 milhões de toneladas na oleaginosa e 1,3 milhão de toneladas a menos no cereal de verão. Em termos financeiros, o rombo deve passar dos R\$ 30 bilhões ao Valor Bruto de Produção (VBP) Agropecuário. Em relação ao feijão, os prejuízos ultrapassam R\$ 395 milhões.

A estiagem que assolou o Paraná começou em 2018 e foi se agravando. Os últimos três anos foram marcados por

chuvas abaixo da média histórica em quase todos os meses, contribuindo para que a atual safra de verão fosse plantada em um solo com baixa umidade.

Diante desse cenário, no início do mês de janeiro, o Sindicato Rural de Maringá sediou uma importante reunião entre técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e FAEP. O evento contou, ainda, com a presença de diversas entidades regionais.

O objetivo do encontro, que fez parte de uma comitua que percorreu diversas cidades em todo o estado do

Paraná, foi avaliar os estragos causados pela estiagem que causou graves quedas na produção e grãos do estado. Cada encontro procurou ouvir produtores e lideranças locais para trazer suas ponderações quanto aos resultados das últimas safras.

Na reunião que aconteceu em Maringá, representantes sindicais, cooperativas e órgãos públicos estiveram presentes, dentre eles a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná (FETAEP), Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Agronomia Ltda (Unicampo), Integrada Cooperativa Industrial, Departamento de Economia Rural (DERAL), além da Secretaria de





Segundo José Antônio Borghi, presidente do Sindicato Rural de Maringá, os números da **safr**a de soja atingiram entre **70% a 80% de perda na média regional**.

Borghi, que planta soja há cinquenta anos na cidade de Maringá, afirma que nunca viu uma estiagem dessa proporção e abrangência nesta época do ano.

Agricultura e Abastecimento (Seab), Banco do Brasil e outras entidades com atuação agropecuária. De acordo com Pedro Loyola, diretor do Departamento de Gestão de Riscos, da Secretaria de Política Agrícola do Mapa, a avaliação aconteceu a pedido da Ministra Tereza Cristina que, inclusive, veio ao Paraná em outro destino da comitiva.

Segundo José Antônio Borghi, presidente do Sindicato Rural de Maringá, os números da safra de soja atingiram entre 70% a 80% de perda na média regional. Borghi, que planta soja há cinquenta anos na cidade de Maringá, afirma que nunca viu uma estiagem dessa proporção e

abrangência nesta época do ano.

No ponto de vista do presidente, ficou evidente nas ponderações de cada órgão que há uma forte necessidade de amparo dos governos estadual e federal no processo de renegociações dos produtores com os bancos, cooperativas e empresas fornecedoras de insumos que participam da cadeia de grãos do estado. Segundo ele, novos programas de escalonamento de investimentos e dívidas - que não serão cobertas pelo PROAGRO -, são necessários.

Diante disso, o Governo do Paraná, juntamente com a Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP),

enviou à ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, uma série de sugestões com vistas a minimizar a situação dos agricultores paranaenses prejudicados pela crise hídrica. O documento propõe ações referentes a crédito rural, seguro rural e Proagro, além da distribuição de sementes para os que não têm condições de adquirir e produzir nova safra.

Como consequência dessas reuniões e de toda movimentação feita, o Governo Federal regulamentou, por meio do Decreto 11.029, um desconto de até 35,2% para o pagamento de parcelas de crédito agropecuário a produtores que tiveram perdas. O documento foi publicado no dia 1º de abril em edição

extra do Diário Oficial da União e prevê o benefício a agricultores do Paraná e outros três Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Segundo o Sistema FAEP, o auxílio regulamentado vale para as parcelas das operações de crédito rural de custeio e de investimento vencidas e/ou que vencem no período de 1º de janeiro a 31 de julho de 2022. Outra regra importante é que, para se beneficiar do desconto, o crédito deve ter sido contratado até 31 de dezembro de 2021 e estar sem inadimplência. Além disso, é pré-requisito que o produtor tenha o registro de Declaração de Aptidão

(DAP) ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) ou inscrição no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF). O benefício foi possível depois que o governo abriu um crédito extraordinário de R\$ 1,2 bilhão para a concessão dos descontos em operações contratadas do Pronaf. O dinheiro foi disponibilizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que, por sua vez, foi pressionado por inúmeras entidades representativas dos agropecuaristas no Brasil, incluindo o Sindicato Rural de Maringá, que está à disposição dos produtores para esclarecer possíveis dúvidas.

O Governo Federal regulamentou, por meio do Decreto 11.029, **um desconto de até 35,2% para o pagamento de parcelas de crédito agropecuário a produtores que tiveram perdas.**



Relacionamentos tóxicos

Anossa vida é marcada pelos relacionamentos que nutrimos e pelas memórias que criamos a partir de experiências vivenciadas. Desde a rotina profissional até no íntimo amoroso, o bem-estar com o outro é um grande influenciador para a nossa qualidade de vida. Porém quando esses relacionamentos deixam de ser saudáveis e tornam-se pesados e complicados demais a ponto de virar um relacionamento tóxico é necessário atenção e cuidado. A diferença entre um relacionamento saudável e tóxico está centrada no respeito entre as partes envolvidas. A toxicidade surge quando a intenção dentro do relacionamento não é a mesma para ambos, ao ponto de causar desgaste emocional devido a constantes confrontos. Esses relacionamentos são marcados pela exaustão psicológica acarretada por brigas e discussões que nunca parecem se resolver.

Características

A psicóloga Polyana Patricia Guelere Custódio aponta que alguns sinais de relacionamentos tóxicos podem ser percebidos com facilidade, enquanto outros são muito sutis e graduativos, passando despercebidos nos primeiros momentos ou

confundidos com “amar demais”.

Controle

A pessoa tóxica deseja ter o poder de controlar o outro, seja sua roupa, sua comida, seu comportamento, os lugares que frequenta, as outras pessoas com quem ela se relaciona, entre outros.

Críticas

A pessoa insiste em enfatizar que você fala muito alto ou muito baixo, que sua risada é estranha, que você não faz nada direito e não vai alcançar suas metas pessoais ou profissionais, entre outros exemplos. E isso persiste a ponto de deixar o outro constrangido, diminuindo a sua autoestima e mudando sua maneira de se comportar.

Manipulação

Muitas das intenções malignas vêm disfarçadas de carinho. A pessoa tóxica, ao ir contra a vontade da outra, insiste que está agindo daquela maneira por ser melhor para ambos ou por amor. Essa chantagem emocional começa a distorcer a noção de realidade, fazendo com que a pessoa abusada acredite que mereça tudo de ruim que acontecer com ela, diminuindo-se e aceitando cada vez mais atitudes desrespeitosas.

Afastamento da rede de apoio

Para manipular, a pessoa tóxica torna-

se possessiva e limita o acesso da outra à sua rede de apoio, composta por amigos e familiares que a aceitam como ela é e oferecem apoio.

Agressividade

A violência não está presente apenas de modo físico, manifestando-se também pela maneira que um diálogo ocorre. Se o relacionamento é marcado por conversas hostis, frases sarcásticas, xingamentos e tom de voz alterado, quer dizer que tem algo de errado nessa relação.

Desconforto

Por fim, um sinal importante está na própria maneira que a pessoa se sente dentro desse relacionamento. Ao se encontrar com aquele indivíduo, está presente o medo de dizer algo errado e há um clima tenso no ar. O desconforto é palpável ao ponto de se ter que “pisar em ovos” para lidar com o outro.

Porque existem relacionamentos tóxicos?

A psicóloga Polyana Patricia Guelere Custódio afirma que existem diversos fatores que podem levar uma pessoa a ter comportamentos tóxicos, sendo um deles a construção emocional do indivíduo. Crianças que tiveram cuidado familiar excessivo, ou até mesmo sofreram desamparo infantil, podem apresentar desequilíbrio emocional. Segundo Polyana, o importante é buscar ajuda profissional ou de alguém em quem você confie. Ela considera que “nem sempre é fácil romper essa situação, mas lembre-se: você não está sozinho”.

Polyana Patricia Guelere Custódio

CRP-08/33485

Seguro rural em períodos de estiagem

Alívio e esperança ao produtor rural

O início de 2022 foi marcado pelo pior momento da seca que castiga o Paraná há três anos. Como resultado, veio o rombo financeiro em nível nacional e prejuízos locais para os produtores rurais. E é nesse contexto - inesperado e incontrolável - que o Seguro Rural revela sua importância.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) revelou que mais de 42,5 mil apólices de seguro rural foram acionadas nesse período, e 38,9 mil comunicados de perdas no âmbito do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) foram registrados até o final de janeiro, totalizando mais de 81 mil acionamentos.

Na realidade da região de Maringá, além de relatos sobre perdas severas, muitos produtores rurais relatam que tiveram dificuldades em acionar o Seguro Rural, pelo momento de atípica demanda no setor ou pelo desconhecimento dessa ferramenta.

Muitos confundem, inclusive, o Proagro com a contratação de Seguro Rural, que são coisas diferentes. O Proagro é um programa do governo para apoiar os produtores que tenham frustração de safra. Nesse caso, as taxas [alíquotas] são estabelecidas pelo Banco Central e o valor máximo amparado é de R\$ 335 mil. Já o seguro rural tem taxas e valor definidos pela seguradora. O Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural [PSR] entra nesse contexto quando o governo define no orçamento o volume de recursos a serem aplicados na subvenção.

O Paraná é o Estado que mais contrata

apólices de seguro no país. Em média, os produtores rurais paranaenses respondem por 38% do total das contratações. Em 2021, os agricultores foram responsáveis pela contratação de 84 mil das 217 mil apólices em todo Brasil.

Dentre os agricultores da região que recorreram ao Seguro Rural devido à estiagem está Márcio Roberto Franzin, que trabalha com áreas arrendadas. Franzin conversou conosco e afirmou que a contratação dessa ferramenta, realizada na preparação da safra, trouxe alívio e esperança num momento de dificuldades. "A contratação do seguro foi muito benéfica para mim, pois permitiu que eu tives-



se uma produção mínima para cobrir os custos e evitar que ficasse com dívidas futuras”, contou o produtor rural.

No caso de Franzin, ele teve suporte de um agrônomo para contratação do benefício que o orientou em todo processo. Esse auxílio profissional é muito indicado, já que uma apólice tem muitas cláusulas e páginas extensas. Muitas vezes, o produtor não sabe ao certo o que contratou e o que precisa obedecer.

De acordo com o produtor, ele não teria condições de pagar os custos e prejuízos gerados pela seca sem o seguro, trazendo endividamento e mais dores de cabeça. “Hoje, plantar sem seguro é uma loucura. Essa é a forma que temos de proteger o capital investido, porque nossa empresa é a céu aberto que depende de todos os fatores climáticos”, afirmou Franzin.

Segundo o Sistema FAEP, nos últimos anos, o aumento no preço das commodities agrícolas, em especial

da soja e do milho no mercado internacional elevou também o valor segurado. De acordo com o Atlas do Seguro Rural do Mapa, o total pago pelos produtores brasileiros foi de R\$ 799 milhões em 2019. Em 2020, esta soma atingiu 1,9 bilhão, e, em 2021, esse número chegou a mais de R\$ 3 bilhões. Por outro lado, entre janeiro de 2019 e novembro de 2021, a soma das indenizações pagas aos produtores rurais brasileiros pelas seguradoras que atuam no âmbito do PSR chegou a R\$ 9,5 bilhões.

“O produtor rural precisa entender que o seguro rural é uma importante ferramenta dentro do planejamento da safra, tanto quanto a compra de semente, de fertilizante ou de maquinário. O seguro rural traz uma segurança financeira em eventual perda. E, em tempos de alta nos custos de produção, o produtor não pode correr riscos desnecessários, ainda mais sabendo que as lavouras estão à mercê das intempéries climáticas”, pontua Ágide Meneguette, pre-

sidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Nesse contexto, o Sindicato Rural de Maringá oferece o serviço do Seguro Rural em parceria com seguradoras responsáveis e de muita credibilidade no mercado. Vale a pena saber mais e ficar por dentro de todos os detalhes da ferramenta. O nosso desejo é que ninguém precise utilizar o serviço, mas que todos o tenham se necessário.

“

Hoje, plantar sem seguro é uma loucura. Essa é a forma que temos de proteger o capital investido, porque nossa empresa é a céu aberto que depende de todos os fatores climáticos”

Márcio Roberto Franzin
Agricultor



Tamires Caselato

Sind Negócio

☎ 44 98408-1005

“Tratar o pasto como lavoura”

Novo método divulgado pelo Comitê da Pecuária Moderna promove integração de técnicas da lavoura na criação de bovinos

No agronegócio, é preciso sempre se atualizar sobre as novidades da área de atuação de cada produtor rural, implementando novas técnicas que aperfeiçoem sua produção. Nesse sentido, o Comitê da Pecuária Moderna vem fazendo jus ao seu nome, pro-

movendo a ideia da modernização no tratamento da pastagem. O lema do grupo - “o boi na terra da soja” - escancara o problema que seus integrantes tentam resolver: é preciso tecnificar a pecuária para que a criação de bois possa competir de igual para igual com a cultura da soja.

O grupo tem promovido palestras ministradas por Antônio José Coelho de Castro nas quais o palestrante explica os benefícios do uso do adubo no pasto para uma pecuária economicamente sustentável. Isso permite que a prática deixe de ser uma cultura extrativista e se torne uma atividade regenerativa ao abandonar, gradativamente, a ideia de pastagem degradada para promover o acúmulo de carbono e matéria orgânica.

Essa integração com a lavoura permite a evolução para uma pecuária de alto padrão, que poderia minimizar os riscos climáticos e melhorar a produção bovina. Não à toa, a missão do grupo é tornar a pecuária uma atividade tão rentável como a lavoura, por meio da produção de animais jovens, bem acabados na busca de qualidade da carne que atenda ao consumidor, deixando um legado para futuras gerações do ramo. Essa nova proposta não questiona a pecuária tradicional

por considerá-la inferior, mas pela visão de um futuro mais promissor.

Propagação da ideia

Para promover essa ideia, o Comitê da Pecuária Moderna vem organizando encontros que reúnem pecuaristas de todas as áreas, bem como representantes do Banco do Brasil e das Astecs. Nessas palestras, Antônio José Coelho de Castro apresenta alguns fatores que estão descritos abaixo.

Diagnóstico e comparação

Antes de pensar em melhorias, é preciso primeiro ter uma visão da situação presente no modelo tradicional. Castro evidencia que a realidade atual é de pastos com baixa produtividade de pastagem, baixa produção de carne por hectare, falta de suplementação alimentar no inverno, que leva a uma pecuária sem sustentabilidade econômica e menos proveitosa que as culturas de cana, soja, milho e mandioca que, hoje em dia, tomam o espaço da pecuária.

Já quando se observa a diferença entre a pecuária de baixa tecnologia e de alta tecnologia, percebe-se a vantagem desse novo método. No modelo atual, afirma Castro, trabalha-se com praticamente zero quantidade de corretivo e fertilizante, como calcário,



gesso etc. Desse modo o pasto gera algo em torno de 3 a 4 mil quilos de matéria seca, enquanto o uso de adubo permitiria a produção de 15 mil quilos de matéria seca, um aumento significativo. A pecuária atual também tem uma produção em média de 4 a 6 arrobas por hectare/ano, que é o que o pasto cansado oferece, algo que poderia ser elevado para 44 arrobas por hectare/ano, segundo pesquisas do IDR-Paraná.

Para contextualização, esse modelo geral de pasto tratado como lavoura foi trazido em 2015 em um programa lançado em Curitiba que tinha o objetivo de desenvolver a pecuária de corte no estado com ações de capacitação e difusão de informações técnicas, buscando a modernização e o fortalecimento da pecuária paranaense. A proposta apresentada mostrou ser capaz de reduzir a idade de abate de 36 a 37 meses para 30 meses, elevar a taxa de lotação de 1,4 para 2 animais por hectare, aumentar a taxa de natalidade de 6,5 para 7,5, além de garantir o aumento da produtividade em carcaça de 137 para 210 kg por hectare/ano. Os criadores de gado que se apoiassem nessa ideia já poderiam estar trabalhando a mudança de perspectiva há anos.

Castro ressalta que é raro o pecuarista realizar análise de solo todo ano; ele apresenta um caso de uma propriedade que adotou, em 2001, esse meio de tratamento da pastagem e acompanhou os níveis de matéria orgânica até o ano passado. Nesses 20 anos, a propriedade percebeu um aumento de 1,1

em 2001 para 2,3 em 2021 de matéria orgânica em um terreno de base árida, que torna ainda mais difícil a fixação dos nutrientes. Ou seja, nesse período houve um melhoramento de todos os aspectos químicos do solo. Isso mostra que existem pessoas trabalhando a pecuária de modo diferente, abrindo os olhos para outras possibilidades. Esse novo perfil de pecuarista garantiria o ganho de matéria orgânica no pasto com a fixação de carbono, levando à sustentabilidade econômica e ambiental.

Aprofundamento e projeção

Reconhecendo os benefícios desse uso tecnificado do pasto, quem adere à ideia, como no caso do Comitê da Pecuária Moderna, vem trabalhando a partir de alguns objetivos concretos para alavancar o método. Dentre eles, destacam-se:

- Adoção do uso de corretivos e fertilizantes como insumos permanentes na pecuária;
- Trabalho com taxas de lotação (4 a 8 cabeças por hectare);
- Troca da depreciação do pasto pelo custo de corretivos e fertilizantes;
- Oferta permanente de forragens, com suplementação na seca;
- Criação de condições para a integração da lavoura, pecuária e floresta.

Ainda, existem medidas práticas que devem ser adotadas na operacionalização desse modelo, como:

- Escolha de 5% a 20% da área de pasto para recuperação;
- Coleta, envio e análise de amostras de solo;
- Aplicação de calcário e gesso;
- Elevação dos níveis de fósforo e potássio;
- Aplicação de nitrogênio para elevadas taxas de lotação;
- Aplicação de doses de nitrogênio entre 150 a 350 kg por hectare, em 3 ou 4 aplicações no período das águas;
- Plantio de forrageira para suplementação no inverno;
- Adoção do manejo das pastagens com base nas alturas de entrada e definidas pela pesquisa;
- Com o aumento da taxa de lotação, disponibilizar áreas para atividades de soja, mandioca, eucalipto ou ampliação de rebanho.

Para o sucesso dessa tática, Castro reforça a importância de realizar essas mudanças priorizando sempre a orientação técnica. É necessário ter o auxílio de nutricionistas, agrônomos e pesquisadores para garantir que essa prática não se torne de alto risco ao pecuarista. Em reunião que ocorreu em 29 de março na Sociedade Rural de Maringá, Castro afirmou: "Se houver uma adubação e terra mecanizadas conforme orientação técnica, o produtor tem a garantia do desenvolvimento mais rápido dos bezerras, permitindo o abate precoce, como foi apresentado nos casos discutidos".

O uso de tecnologias especializadas da área tem sido o corpo das ações que formam esse modelo tecnológico da

pecuária competitiva, que deve destacar a adubação e manejo do pasto, o planejamento forrageiro (pensando no inverno), o uso de proteinados e proteicos energéticos e a terminação do boi no cocho com ou sem confinamento. Essas medidas poderiam encurtar o ciclo de produção, aproximando-se da proposta do boi “7x7x7”, discurso dos pesquisadores do APA (Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio), em que se produz 7 arrobas na cria, 7 na recria e 7 na terminação no prazo mais curto possível. Portanto, as pesquisas apontam as possibilidades de crescimento do pecuarista e os casos de sucesso vistos por todo o cenário paranaense apenas provam e enriquecem essa tese.

Questão financeira e adesão

Como trabalhar esse modelo se não

existem financiamentos para a sua adoção? Um dos pontos que os integrantes do Comitê da Pecuária Moderna evidenciam como impedidores da adoção do modelo tecnificado é a falta de viabilidade financeira. Por isso, é preciso que haja linhas de crédito para trabalhar a pastagem, com a genética de gado adequada, com nelore, angus, senepol, montana e raças que dão um resultado satisfatório. Ainda, é preciso capital para permitir o seu planejamento alimentício.

Além da questão financeira, Castro enfatiza a importância da adesão dos pecuaristas. “É necessário o interesse de muitos para dar continuidade a essa proposta”, afirma. Esse tipo de pecuária não é fácil e exige cautela, mas é preciso que o produtor questione o status quo e procure mudanças para deslanchar seu ramo.

“

Acredito que seja um grande caminho a ser explorado, uma longa jornada, pois hoje você vê tantas culturas crescendo, se fortalecendo, enraizando e a pecuária acaba ficando para trás, ainda conseguimos produzir bem e com qualidade em áreas menores que a realidade do nosso estado”

Maurício Meneguetti
Pecuarista

“

Nossa proposta é totalmente viável, pois leva em conta o pequeno, médio e grande pecuarista. Ela propõe a mudança da filosofia de produção, de modo que essa modalidade deve ser encarada de forma mais tecnificada e ambientalmente aceita. Ela precisa ser exequível e não contar só com a sorte”

Antônio José Cecílio
Engenheiro Agrônomo e
integrante do Comitê da Pecuária Moderna



Indenização e Seguro Rural

Diante das perdas ocasionadas pela grave seca que atingiu a Região Sul do Brasil em 2021/2022 é importante esclarecer alguns pontos relativos aos seguros agrícolas privados. Além dos seguros privados, há o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária - PROAGRO, uma espécie de seguro administrado pelo Banco Central do Brasil, que não será tratado nesta matéria.

O que é seguro rural? O seguro rural é uma forma de proteção de certos riscos da atividade agropecuária assumidos por uma empresa privada, chamada de seguradora.

Como funciona? O produtor, chamado de segurado, contrata uma apólice em que estão determinados todos os riscos e situações que, caso ocorram, serão indenizadas pela seguradora. Na apólice consta, dentre outras coisas, o limite de indenização que a seguradora se compromete a pagar caso ocorra um sinistro (ocorrência de um fato coberto pela apólice).

Como saber se há direito à indenização? Antes de contratar a apólice, o segurado deve ser informado pelo corretor de seguros (quem faz o processo de contratação em nome da seguradora) acerca de todas as situações em que haverá ou não indenização. O contrato de seguro possui diversas normas e regras (que são reunidas em um livreto, chamado de condições gerais e especiais), desde a contratação, os termos técnicos, o procedimento para contato com a seguradora, como agir em caso de sinistro, o que está ou não coberto pelo seguro, etc.

O que fazer em caso de sinistro?

Em caso de sinistro (risco previsto na apólice e que pode ser indenizado pela seguradora), o segurado deve procurar orientação perante a seguradora e o corretor que intermediou a contratação do seguro para saber como proceder. Isso porque, dependendo da situação, o segurado pode agir de forma equivocada e até mesmo perder o direito à indenização. Por isso é importante conhecer as normas que regem o seguro e sempre agir após orientação dos profissionais técnicos da área.

E quanto ao laudo do perito? Quando constatado um evento coberto em que poderá haver indenização, a seguradora encaminha um perito (técnico que representa a seguradora) a fim de analisar e constatar a situação. É com base no laudo do perito que a seguradora dirá se há indenização e qual o valor a ser pago. De qualquer forma, a seguradora encaminhará uma carta ao segurado explicando a situação e informando o valor a ser indenizado ou o motivo de não haver indenização.

E se o segurado não concordar com o laudo do perito? O perito age sob as orientações da seguradora e, normalmente, pede que o segurado assine o laudo técnico de vistoria para análise do sinistro. Obviamente que, por se tratar de questão técnica, talvez o segurado não tenha condições de analisar a situação e verificar se o que o perito relatou no laudo é o que corresponde à realidade, sendo possível que haja divergências de interpretação e eventuais incongruências. Então, o segurado, na

dúvida, pode não concordar e não assinar o laudo. Também pode assinar e fazer menção de que discorda com o que consta do laudo.

A seguradora é obrigada a comunicar o segurado após o laudo do perito?

Sim, a seguradora deve encaminhar uma correspondência ao segurado com todas as justificativas, com base no laudo do perito e na apólice contratada, informando se o sinistro será ou não indenizado. Também deve fornecer uma cópia do laudo e outros documentos solicitados pelo segurado.

O que fazer após essa carta da seguradora?

Após concluída a análise da seguradora, o segurado pode, consultar o profissional que acompanhou o empreendimento em todo o período segurado a fim de apurar se há divergências. Havendo pontos a corrigir, é possível apresentar um pedido de reconsideração, fundamentado para apreciação da seguradora. Caso a seguradora não altere sua posição, é possível a propositura de uma ação judicial a fim de que seja analisada e decidida por um juiz.

E, por fim, quais os prazos para eventual discussão judicial?

É essencial destacar que, em regra, a partir da data da primeira comunicação da seguradora de que não houve indenização ou de que essa indenização se deu em montante menor que o devido, o segurado terá o prazo de apenas um ano para propor eventual ação de discussão do direito ao recebimento de indenização, total ou parcial.

Conexão

SindRural

A representação da mulher no meio agrícola é essencial para mostrar a todas as outras que, apesar dos obstáculos, a garra e determinação feminina são capazes de conquistar qualquer ambiente. Por isso trazemos na primeira edição de 2022 da Conexão Sind Rural as integrantes da Coordenação da Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de Maringá.

Jovelina Borghi



Ivoneti Bastiani

Idealizadora da Comissão, sem o pontapé inicial de Ivoneti, hoje não haveria um trabalho tão concreto e promissor entre esse grupo de mulheres



Hasue Komura Ito

Mostra a presença da mulher do Agro em meio a um cenário muitas vezes marcado pela presença masculina



Ana Cristina Versari

Presidente da Comissão, Ana Cristina organiza e mobiliza reuniões frequentes para as demais participantes

Gisele Vizioli



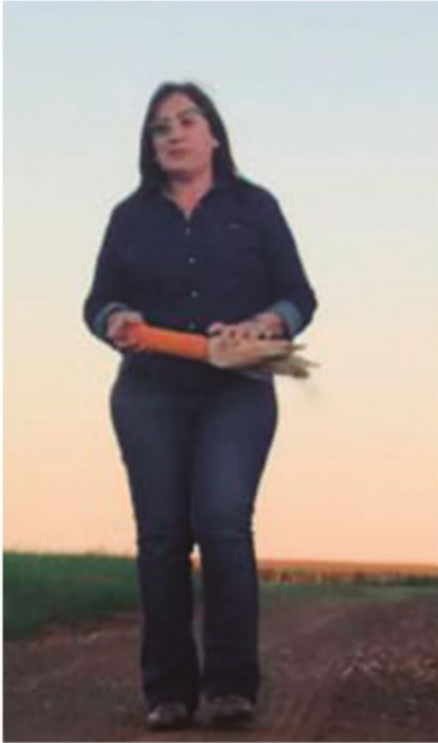
Larissa Gallassini

Mariana Brescansin



Edeilza Brescansin





**Roseli
Celestino**



**Débora
Schmitt**



**Márcia
Campagnolli**

É a mais nova integrante do grupo, mostrando a capacidade de expansão para trazer cada vez mais mulheres para esse coletivo



**Marina
Baggio**



Maria José de Lucca

Aniversário dos associados

Maio

Mario Zanetti	01
Leandro De Almeida	01
Milton Fujii	02
Cauan Pereira Rodrigues	02
Antonio Candido Rodrigues	05
Mateus Sapata Alcarria	08
Jose Roberto De Oliveira	09
Jose Valentin Bianchessi	09
Jose Uilson Padilha	10
Orlando Meireles Didier	11
Ricardo Pereira Da Conceição Silua	12
Alvaro Andrade Biollo	12
Nivaldo Jose Forastieri	12
Celso Carlos Dos Santos Junior	15
Francisco Okano Nakamura	15
Rinaldo Tironi	15
Luiz Fernando Zucchi	16
Milton Cesar Mesquini	16
Adriana Casado Puerta	17
Pedro Garcia De Oliveira	17
Luis Eduardo Ferrari Sanches	19
Marcio Roberto Frangin	19
Mauro Naggari	20
Evaldo Luiz Bortolasci	21
Joao Bedendo	22
Marcia De Andrade Pereira De Souza	22
Nilda Margarida Sala De Oliveira	22
Walter Garcia De Oliveira	22
Ana Paula Brambilla Constantino	25
Carlos Herold	25
Ivoneti Catharina Rigon Bastiani	28
Gilmar Cumani	30
Claudemir Herradon Rugoni	31

Junho

Joao Tadeu Lopes Bonini	01
Ali Ali Awada	09
Eliandro Brambilla	09
Guilherme Pelisson Filho	09
Rogério Vido	12
Wesley Antonio Miranda França	12
Antonio Onofre Borghi	12
Jose Antonio Sapata	15
Nobuko Obara Sakita	15
Arg De Souza Santos	16
Antonio Campagnoli	16
Mauro Nakamura	17
Mauro Zanini Rossetto	17
Antonio Sergio Casaroto	18
Ibrahim Chamma Fares	20
Alvaro Luis Fafarao	22
Aluizio Jose Molinari	23
Antonio Jair De Souza	23
Cicero Mineo Migote	25
Gentil Tora Gonzalez	30
Marcia Josefa Pedrini	30

Julho

Marcelo Vinicius Arantes	04
Jaciro Martins	05
Paulo Issao Asamoto	05
Issau Uemoto	06
Luiz Carlos Dias	06
Antonio Angelo Campagnoli	08
Jose Marco Fabri	09
Newton Cardoso Da Silua	09
Maria Luiza Milani Pigozzo	10
Moacir Langoni	10
Joao Agulho	16
Joao Marcos Pedro Rosa	16
Wagner Rodrigues	16
Carlos Amarildo Palotto	17
Aguinaldo Campagnoli	19
Eli Moura Da Silua	20
Jose Ferro	20
Valdemir Dolfini	22
Maria José Dos Reis Luca	23
Joao Marcantonio Neto	24
Dorival Baveloni	25
Fabio William Ferro	25
Joao Bressam	25
Ana Cristina Do Nascimento Versari	26
Luis Carlos Cavalaro	27
Antonio De Souza Gomes Neto	29
Ivan Carlos Baveloni	29
Claudio Oscar Schmitt	30
Jose Paschoeto	30
Helio Jun Kuroda	31
Angelica Ribeiro	31



Menu da Marilaine

ROCAMBOLE DE FILÉ DE TILÁPIA

Ingredientes

- 1kg de filé de tilápia picado em cubos pequenos
- 1 envelope de sopa de cebola
- 1 copo de requeijão
- 2 xícaras de farinha de rosca ou panko
- 1 xícara de cebolinha picada
- ½ cebola ralada
- ½ xícara de salsinha picada
- 1 sazon sabor salada
- 200g de mussarela
- 1 xícara de vagem cozida picada com sal
- 1 xícara de cenoura cozida picada com sal
- 2 colheres de sopa de maionese
- 1 gomo de linguiça de pernil de porco sem pele
- 1 rolo de papel alumínio

Modo de preparo

- Em uma tigela, misture o filé picadinho, a sopa de cebola, a cebolinha, a salsinha, a linguiça, a cebola, o sazon e a maionese.
- Adicione pimenta a gosto e acrescente sal se necessário e reserve.
- Coloque o papel alumínio em uma bancada.
- Faça um quadrado de farinha de rosca ou panko e espalhe por cima a mistura de filé de peixe de modo que fique um quadrado a ser enrolado.
- Molde com as mãos a mistura e, em seguida, espalhe as fatias de mussarela ao centro, depois coloque a vagem, a cenoura e por fim mais uma camada de mussarela.
- Com ajuda do papel alumínio, enrole em forma de rocambole.
- Coloque para assar até ficar dourado e crocante por fora.
- Na hora de servir, faça picos com o requeijão por cima e flores de tomate.
- Sirva com arroz branco e bom apetite!

Essa e várias outras delícias, você encontra no livro de receitas "Avós do Agro", idealizado pela Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de Maringá e lançado no dia 26/07/2021, em comemoração ao dia dos avós. Acesse pelo QR Code.



Dicas para eliminar a trapoeraba

a erva daninha que dá muita dor de cabeça ao produtor rural

Fonte Canal Rural e Agro Pós

A trapoeraba é uma planta daninha do gênero *Commelina* que infesta cafezais e lavouras de soja em diversas regiões. Essa planta é conhecida por ser tolerante a alguns produtos como o glifosato, por exemplo, é capaz de acumular grandes quantidades de macronutrientes e prolongar seu ciclo de desenvolvimento sob condições ótimas de fertilidade do solo e umidade.

A espécie *C. benghalensis* é a trapoeraba mais comum. Ela produz sementes polimórficas com grandes diferenças no grau de dormência, permitindo que se estabeleça nos mais diversificados ambientes em diferentes épocas do ano, o que dificulta seu manejo.

Quais problemas essa erva daninha pode causar?

Os problemas que a Trapoeraba causa podem variar de acordo com a espécie da erva daninha, sensibilidade da cultura atacada e quantidade de dano que a erva daninha pode causar. Em



geral, traz alguns prejuízos como competitividade por recursos limitados, acréscimo no custo de produção, obstáculo na hora da colheita, redução da qualidade do produto, atração de outras pragas, aumento da possibilidade de doenças, liberação de produtos químicos da erva daninha em decomposição e redução do valor de venda.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a erva daninha causa 95 bilhões de dólares de prejuízo para a produção global de alimentos. Além disso, um problema com plantas daninhas pode gerar uma perda de até 70% do cultivo.

Por que a planta é tolerante ao glifosato?

A Trapoeraba é tolerante ao glifosato, principalmente quando é usado com maior frequência. Essa condição ocorre por limitações na absorção e translocação do herbicida, já que a planta contém muito tricoma, principalmente quando adulta. Assim, o emprego inadequado do glifosato para controlar a trapoeraba em seus diferentes estádios fenológicos, pode promover gasto desnecessário (dose demasiadamente elevada nos estágios iniciais) ou mesmo resultar em baixa eficiência no controle (estágios mais avançados).



Quais herbicidas podem ser utilizados para eliminação da planta?

Carfentrazone: Oferece ótimo controle em pós-emergência desta planta daninha, principalmente quando ela tem até quatro folhas, geralmente associado a outros herbicidas sistêmicos (ex: glifosato). 2,4 D – Quando em estágios iniciais (até quatro folhas), tende a ser eficiente no controle desta planta daninha, além do controle via herbicidas pós-emergentes, há a possibilidade de uso de herbicidas com ação pré-emergente.

Flumioxazin: Esse é um herbicida com ação residual para controle de banco de sementes, sendo utilizado na primei-

ra aplicação do manejo outonal associado a herbicidas sistêmicos (ex: glifosato ou 2,4 D).

Sulfentrazone: Também é um herbicida com ação residual para controle de banco de sementes. Esse herbicida é utilizado na primeira aplicação do manejo outonal associado a herbicidas sistêmicos (ex: glifosato e 2,4 D).

Quais outras dicas podem ser observadas para o controle da erva daninha?

Manejo preventivo: Consiste no uso de práticas que visam evitar a introdução, estabelecimento e/ou a disseminação da trapoeraba em áreas ainda não infestadas.

Controle cultural: Refere-se ao uso ou a utilização de práticas que favoreçam o desenvolvimento da cultura em detrimento da planta daninha. Como exemplo tem-se a utilização do capim braquiária na entrelinha do cafeeiro.

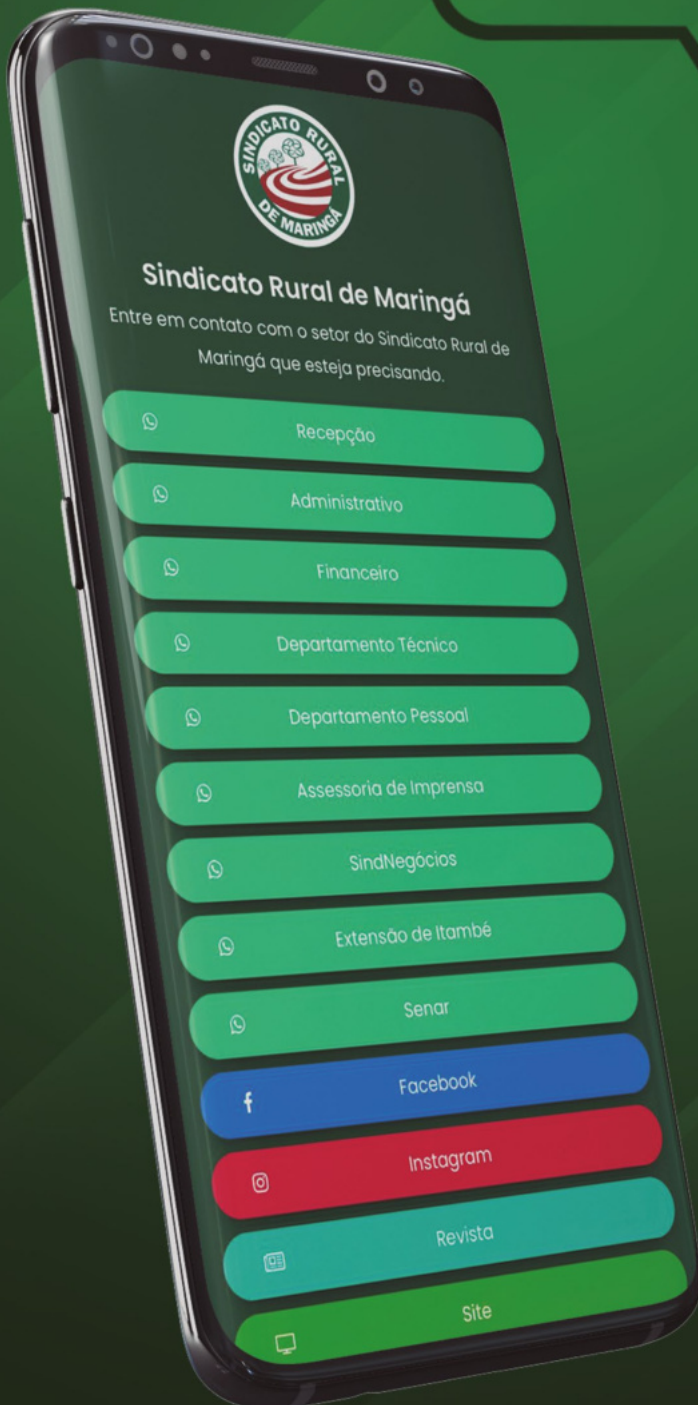


Controle químico: Ocorre por meio da utilização de herbicidas, visando o controle das plantas daninhas. Esse método é amplamente utilizado, devido à sua eficácia, custo reduzido e facilidade de aquisição dos produtos. Porém, como já salientado, é preciso ter muita atenção para com o tipo de herbicida utilizado, já que a eficiência de alguns produtos – como o glifosato – é reduzida.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a **erva daninha causa 95 bilhões de dólares de prejuízo para a produção global de alimentos.**



Fale conosco



Otimizamos nossos **canais de comunicação** e agora todos estão em um só lugar.



Acesse o **QR code** e tenha em mãos todos os nossos meios de comunicação.

- ✉ sac@sindrural.com.br
- 🌐 www.sindrural.com.br
- ☎ 44 3220-1550 | 44 98416-1013
- 📘 [sindicatorural.demaringa](https://www.facebook.com/sindicatorural.demaringa)
- 📷 [sindicatoruraldemaringa](https://www.instagram.com/sindicatoruraldemaringa)
- 📺 [sindruralmaringa](https://www.youtube.com/sindruralmaringa)